

Sítes de relacionamento como espaço de investigação de relações ensino-aprendizagem na química escolar. Parte I.

João Augusto de M. Gouveia-Matos^{*1} (PQ), Florence M. Cordeiro de Farias² (PQ), Luiz Cláudio dos S. Ribeiro³ (PQ). gouveia@iq.ufri.br.

1. Instituto de Química, UFRJ. Cidade Universitária, CT, Bl A. Cep 21941-972; 2. Instituto de Química, UFF. Campus do Valonguinho,, Niterói. Cep 24020-150; 3- Faculdade de Educação, UFRJ. Av. Pasteur, 250, Cep: 22.290-240.

Palavras Chave: ORKUT, sítes de relacionamento, depoimentos alunos

Introdução

Sítes de relacionamento podem revelar um valioso universo de pesquisa ao educador químico escolar, que tem diante de si o desafio de investigar ensino-aprendizagem de uma ciência com uma reputação pouco abonadora na escola e no imaginário social.

Assim, numa pesquisa qualitativa de natureza exploratória acessou-se no ORKUT as comunidades que responderam à palavra-chave: “odeio química” (179). Como estratégia de controle, acessou-se comunidades “amo química” (194), e outras “odeio...” (“odeio literatura”, “odeio 485”, etc). Selecionou-se as 10 mais representativas, pelo número de membros (“odeio química”: 8300 a 180, somando 15700 participantes), e em cada uma delas examinou-se na seção “Forum” os tópicos com maior no. de participações. Os fóruns representam o efetivo espaço de participação e de expressão da opinião dos membros sobre o tema proposto nos tópicos.

Resultados e Discussão

De início constatou-se em ambos os casos uma baixa proporção entre participação nos fóruns e no. de inscritos(2 a 5% entre soma participação tópicos e inscritos), mas as demais “odeio...” sugerem ser esta uma tendência geral. Os resultados confirmam também uma conclusão já bastante conhecida dos investigadores da área: a denúncia contra o senso de inutilidade da química que lhes é ensinada na escola, seu descolamento do mundo real do aluno, sua representação baseada na memorização de formulas e conceitos desconexos, e os desgastes das relações aluno-professor. Diagnóstico que culmina com um quadro de fracasso escolar (na maior comunidade, a maior participação, 567, no tópico “qnt vcs tiraram na ultima prova de química”). Comparadas ambas as comunidades, “odeio” e “amo”, as primeiras são as aquelas que detêm uma riqueza maior de informações e possibilidades analíticas: a investigação pormenorizada aponta que os alunos que “odeiam” se expressam mais livre e precisamente sobre problemas escolares que aqueles que “amam”, já que estas são constituídas por membros da área (alunos de cursos de química, professores, etc).

32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química

Conclusões

Um aspecto fundamental da pesquisa é validar o espaço dos sítes de relacionamento como representativo de uma catarse útil à compreensão dos mecanismos intrincados do fracasso escolar em química. De fato, a espontaneidade e a adesão absolutamente livre desses espaços dão credibilidade, fora uma ou outra deflexão, aos relatos ali apresentados. A natureza desta pesquisa exige, portanto, um olhar atento aos desdobramentos pedagógicos, curiosamente inexistente nos fóruns dos entusiastas desta ciência.

Mais que redundar diagnósticos, importante ressaltar que essa pesquisa exploratória aponta desdobramentos analíticos interessantes. O primeiro se refere às possibilidades de futuras investigações no campo da análise do discurso, das relações entre macro e micro contextos (seria este problema típico da química, ou esta seria apenas a forma de expressão aparente de uma crítica que se estende a toda a pedagogia vigente nas escolas: repetição de clichês, ênfase na reprodução, e tolhimento do raciocínio?). As investigações de problemas nas complexas relações ensino-aprendizagem nas áreas científicas, expressam em geral diagnósticos que visam a consolidar uma possibilidade tacitamente reformadora do processo: apontam-se possíveis defeitos no “percurso” do trabalho pedagógico e acrescentam-se-lhe algumas orientações, no sentido ideologicamente reformista.

A pesquisa aqui desenvolvida aponta uma espécie de contra-fogo (Bourdieu¹): é justamente da expressão irascível dos alunos que se desdobram mais e mais fóruns de discussão, que se coloca em xeque todos os conceitos mal interpretados, as formulações incompreendidas e a empáfia de alguns professores de química.

Não seria, pois, o estímulo a esse conflito, ao invés de sua atenuação, um caminho mais apropriado para estimular nossos alunos a encontrar, no questionamento e na dúvida, os maiores legados da ciência? O erro não deveria ser o fermento de uma postura pedagógica que deve antes recriar-se a cada momento a partir dos conflitos, em opção à certeza das soluções pretensamente apaziguadoras?

¹ Bourdier, P.: *Contrafogo 1: tática para enfrentar a invasão neo-liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998